

Caem as vendas nos supermercados

por Edson Chaves Filho
de Porto Alegre

Os supermercados brasileiros estão começando a sair da sua pior crise desde o governo Castello Branco, quando medidas drásticas do ministro Roberto Campos, do Planejamento, levaram o País a uma forte recessão. A avaliação foi feita ontem pelo presidente da Associação Brasileira de Supermercados (Abras), Artur Sendas, ao divulgar uma queda acumulada de 15,82% das vendas nos sete primeiros meses deste ano.

O setor vem operando com desempenho negativo, e boa parte dos balanços das empresas do setor fechará no vermelho, previu o dirigente. "Atingimos o fundo do poço no mês passado, com redução de 26,09% dos negócios em relação ao mesmo período do ano anterior", informou.

A tendência de queda se manterá até dezembro, mas deverá diminuir de intensidade, oscilando entre 10 e 15%. Resultado do momento difícil do setor, o faturamento — que em 1989 chegou a US\$ 19,2 bilhões — atingirá no máximo US\$ 17,5 bilhões, de acordo com as projeções da Abras.

"Ainda estamos nos adaptando à nova econo-

mia do País, já que o choque foi muito profundo e exigiu sacrifícios", disse Sendas. Além do enxugamento de suas estruturas operacionais, os supermercados procuram alternativas para melhorar as vendas. Orientando essa nova postura, a competitividade é que tem feito a diferenciação entre uma rede que vende mais e outra que fatura menos.

A transformação dos supermercados em pólos de concentração de lojas de conveniência têm sido uma das opções adotadas. Os novos projetos de supermercados têm levado esse detalhe em conta. Ele não concorda, entretanto, com o funcionamento desses estabelecimentos aos domingos. "Já estamos mal das pernas e não vamos ficar melhores aproveitando essa possibilidade aberta pelo governo", garantiu.

Sendas acredita que somente com a recuperação do poder de compra do consumidor é que o setor se reerguerá. "Até o final do primeiro trimestre de 1991 a situação econômica estará normalizada", calculou.

Quanto às importações, o presidente da Abras revelou que os produtos estrangeiros ocupam, na média nacional, um espaço ainda inexpressivo nas prateleiras

dos supermercados. Mas também isso deverá mudar a partir do momento em que o empresariado do setor sentir uma resposta positiva do consumidor, "o que ocorrerá somente com melhorias salariais".

Ele disse que, no Rio Grande do Sul, onde os artigos importados já são responsáveis por mais de 20% da receita das redes gaúchas, a situação é peculiar "por causa da proximidade com os países do Cone Sul e acordos bilaterais existentes hoje".

Artur Sendas abriu on-

tem à noite a 9ª Convenção Gaúcha de Supermercados, que se encerra amanhã.